

**Glucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)**

Diálogos sobre Inclusão 3

Atena
Editora
Ano 2019

Glaucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Diálogos sobre Inclusão 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D536	Diálogos sobre inclusão 3 [recurso eletrônico] / Organizadoras Glauca Wesselovicz, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Diálogos Sobre Inclusão; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-364-4 DOI 10.22533/at.ed.644192805 1. Brasil – Condições sociais. 2. Desenvolvimento social. 3. Integração social. I. Wesselovicz, Glauca. II. Cazini, Janaina. III. Série. CDD 361.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Diálogos sobre Inclusão” no volume III, organizou, na ótica da educação inclusiva, 22 artigos de cunho teórico-prático, metodologias de ensino e aprendizagem, que visam incluir pessoas, que são de alguma forma, excluídas da sociedade devido sua deficiência, gênero, raça ou etnia.

Pois entendemos, e fica provado pelas pesquisas aqui apresentadas, que é na sala de aula no ambiente escolar que o terreno se mostra fértil para sensibilizar a sociedade sobre o respeito e a responsabilidade de todos quando o assunto é diversidade e inclusão social.

Contudo, no grupo de estudos sobre pessoas com surdez, observa-se que apesar da obrigatoriedade legal que assegura a criança surda o direito de uma educação especializada que a alfabetize nas duas línguas -português e LIBRAS - a partir das salas de atendimento especializado, na prática não acontece e depende do educador a responsabilidade de todo o processo.

Já para os grupos de pessoas com altas habilidades e etnicorraciais os projetos pedagógicos e interdisciplinares conseguem atingir resultados que impactam não só a sala de aula como a comunidade local.

Percebe-se que o caminho para inclusão social- especialmente de pessoas com deficiência - é longo e deve começar de forma incisiva nos bancos escolares. E por isso esta coletânea torna-se um instrumento de alerta, só nos tornamos uma sociedade inclusiva quando todas as nossas crianças conseguirem chegar em suas escolas e entenderem a linguagem que o professor está falando.

Nós esperamos que os artigos escolhidos possam nortear todos os leitores em seus projetos educacionais, sociais e profissionais e estimular a sociedade a olhar para a inclusão como uma ação de responsabilidade individual, coletiva e globalizada.

Glaucia Wesselovicz

Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO INCLUSIVO: CONTAGEO E ADAPTAÇÃO DE LIVROS INFANTIS PARA DEFICIENTES VISUAIS	
Francisca Nailene Soares Vieira Martha Milene Fontenelle Carvalho Francisca Raquel Miguel de Sousa Rosane Santos Gueudeville Acreciana de Sousa Melo Fernanda Maria da Silva Cardeal	
DOI 10.22533/at.ed.6441928051	
CAPÍTULO 2	9
A DIVERSIDADE ETNICORRACIAL NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Mirtes Aparecida Almeida Sousa Dorivaldo Alves Salustiano Eliane Fernandes Gadelha Alves	
DOI 10.22533/at.ed.6441928052	
CAPÍTULO 3	20
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL	
Joel Nunes De Farias Luandson Luis Da Silva Hosana Souza de Farias Nadjeana Ramalho da Silva Samilly dos Santos Bernardo Luis Elaine Cristina Meireles Silva Aldair Viana Silva de Alcaniz Elenith Jussiêr de Lima Silva Ivanildo Severino da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6441928053	
CAPÍTULO 4	30
A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADE FÍSICA PARA A VIDA DO PORTADOR DE SÍNDROME: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Estoécio Luiz do Carmo Júnior Rosélia Maria de Sousa Santos Brenda Oliveira Ferreira da Silva Adriana Silvino de Araújo Emanuel Heliomar Medeiros de Sousa José Ozildo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6441928054	

CAPÍTULO 5	39
A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM DUAS ESCOLAS DA ZONA RURAL DA REDE MUNICIPAL DE CRATO	
Daniela Valdevino Lima	
Luiza Valdevino Lima	
Geórgia Maria de Alencar Maia	
Valquíria Carneiro da Silva	
Acreciana de Sousa Melo	
DOI 10.22533/at.ed.6441928055	
CAPÍTULO 6	48
A INCLUSÃO DE DEFICIENTES FÍSICOS AMPUTADOS POR MEIO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA	
Thais Vinciprova Chiesse de Andrade	
Kelly Silva Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.6441928056	
CAPÍTULO 7	59
ACOMPANHAMENTO NEUROPSICOPEDAGÓGICO DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DE COMPORTAMENTO	
Bianca Cristina Leal	
DOI 10.22533/at.ed.6441928057	
CAPÍTULO 8	66
ALUNA DE BAIXA VISÃO NA DISCIPLINA DE LIBRAS COM MEDIAÇÃO DO INTÉRPRETE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Lana Carol de Sousa Martins	
Luana Fernandes Magalhães	
Sarah Maria Oliveira	
Terezinha Teixeira Joca	
Marilene Calderaro Munguba	
DOI 10.22533/at.ed.6441928058	
CAPÍTULO 9	77
CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NOS IFS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ACOMPANHAMENTO DE ESTUDANTES ATENDIDOS PELO NAPNE DO IFS/CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO	
Laila Gardênia Viana Silva	
Danise Vivian Gonçalves dos Santos	
Maria Aparecida da Conceição Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6441928059	
CAPÍTULO 10	88
CULTURA AFRO-BRASILEIRA: A INCLUSÃO E A DIVERSIDADE ATRAVÉS DE UMA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA NA COMUNIDADE CIDADE DE DEUS	
Carlos Alberto Da Silva Sant'Anna	
DOI 10.22533/at.ed.64419280510	

CAPÍTULO 11	99
DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E A ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
Andrialex William da Silva	
Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães	
Tarcileide Maria Costa Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.64419280511	
CAPÍTULO 12	109
DIFICULDADE DOS PROFESSORES EM SALA DE AULA COM ALUNOS ESPECIAIS -OBSERVAÇÃO EM UMA SALA DE AULA NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PARAÍBA	
Manuela Patrício Menezes	
Franciely Silva Apolinário	
Maria José Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.64419280512	
CAPÍTULO 13	118
DISCUSSÕES SOBRE A LUDICIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS	
Luiza Valdevino Lima	
Daniela Valdevino Lima	
Geórgia Maria de Alencar Maia	
Valquíria Carneiro da Silva	
Cássia da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.64419280513	
CAPÍTULO 14	126
EXPERIÊNCIA INCLUSIVA DE UM ALUNO COM TEA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO	
Fabyana Soares de Oliveira	
Ana Aparecida Tavares da Silveira	
Sára Maria Pinheiro Peixoto	
Marcilene França da Silva Tabosa	
Maria Aparecida Dias	
DOI 10.22533/at.ed.64419280514	
CAPÍTULO 15	133
HIPÓXIA NEONATAL E A EXPERIÊNCIA DA INCLUSÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/ RJ	
Ana Paula Silva Andrade Jorge	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro	
Bianka Pires André	
DOI 10.22533/at.ed.64419280515	
CAPÍTULO 16	140
LINGUAGENS ARTÍSTICAS E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Gilvânia Maurício Dias de Pontes	
Lucineide Cruz Araújo	
Natália Medeiros de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.64419280516	

CAPÍTULO 17	151
O ENSINO DE ARTES COMO INSTRUMENTO MOTIVADOR DA APRENDIZAGEM PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES	
Fabiane Cristina Favarelli Navega	
DOI 10.22533/at.ed.64419280517	
CAPÍTULO 18	160
O TRATO DA QUESTÃO ÉTNICORRACIAL NO CONTEXTO DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: UMA ANÁLISE SOBRE O INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE	
Raquel de Oliveira Mendes	
Rodrigo Bozi Ferrete	
DOI 10.22533/at.ed.64419280518	
CAPÍTULO 19	172
O USO DA BIOMECÂNICA E ANATOMIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM ESCOLA DA ZONA RURAL DO CARIRI PARAIBANO	
Breno de Sousa Moreira	
Diego Gomes da Silva	
Aellyson Cordeiro de Melo	
Washington Almeida Reis	
DOI 10.22533/at.ed.64419280519	
CAPÍTULO 20	183
SABERES E PRÁTICAS EM ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Artur José Braga de Mendonça	
Izabeli Sales Matos	
DOI 10.22533/at.ed.64419280520	
CAPÍTULO 21	194
SENSIBILIZAÇÃO SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO PARA O ENSINO SUPERIOR ATRAVÉS DE CINEBIOGRAFIAS: O CASO DA SUPERDOTAÇÃO DO MATEMÁTICO RAMANUJAN	
Clemir Queiroga de Carvalho Rocha	
Vicente Francisco de Sousa Neto	
Vera Borges de Sá	
Denise Maria de Matos Pereira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.64419280521	
CAPÍTULO 22	203
UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: QUANDO O FATOR LIMITANTE SE TRANSFORMA EM FATOR MOTIVACIONAL DA ESTRATÉGIA DIDÁTICA	
Fabio Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.64419280522	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	211

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO INCLUSIVO: CONTAGEO E ADAPTAÇÃO DE LIVROS INFANTIS PARA DEFICIENTES VISUAIS

Francisca Nailene Soares Vieira

Universidade Regional do Cariri – URCA
Crato – Ceará

Martha Milene Fontenelle Carvalho

Universidade Regional do Cariri – URCA
Crato – Ceará

Francisca Raquel Miguel de Sousa

Universidade Regional do Cariri – URCA
Crato – Ceará

Rosane Santos Gueudeville

Universidade Regional do Cariri – URCA
Crato – Ceará

Acreciana de Sousa Melo

Universidade Regional do Cariri – URCA
Crato – Ceará

Fernanda Maria da Silva Cardeal

Universidade Regional do Cariri – URCA
Crato – Ceará

RESUMO: Este trabalho objetiva relatar a experiência obtida na atuação como bolsista de extensão no projeto Contageo: Uma aventura às cegas. O projeto utilizou a contação de história adaptada como recurso inclusivo para o público infantil e infanto-juvenil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cujo procedimento metodológico consistiu num relato de experiência, o qual teve o processo de adaptação e criação de meios inclusivos realizado em 5 etapas: A 1ª etapa consistiu na criação de histórias com uma

personagem deficiente visual realizada pela professora Martha Milene; a 2ª na busca de um público alvo para realizar essa intervenção inclusiva e literária; a 3ª etapa consistiu nas leituras e reflexões da história selecionada; a 4ª etapa por sua vez, tratou-se da idealização de fantoches para a contação e a 5ª etapa tratou-se das práticas de contação. Com isso, intervimos indiretamente na sensibilidade das crianças a causas correspondentes a deficiência, bem como do meio ambiente. Portanto, a tarefa de educar e incluir é extremamente complexa e exige atuação de todas as partes, da família, escola, sociedade assim como do Estado.

PALAVRAS-CHAVE: Contageo, Contação de história, Recurso inclusivo.

ABSTRACT: This work aims to report the experience obtained acting as an extension student in the project Contageo: An adventure in the blind. The project utilized an adapted storytelling as an inclusive resource for the children and young people. It means to a qualitative research whose methodological procedure consisted of an experience report, which had the process of adaptation and creation of inclusive methods of the previously mentioned project realized in 5 stages: The first stage consisted in the creation of stories with a visually impaired character realized by Professor Martha Milene; the second in the

search of a target audience to carry out this inclusive and literary intervention; the third stage consisted of the readings and reflections of the selected history; the fourth step in turn, was the idealization of puppets for the storytelling and the fifth stage was the practice of storytelling. With this, we intervene indirectly in the sensitivity of the children to causes corresponding to the deficiency, as well as of the environment. Therefore, the task of educating and including is extremely complex and requires action from all parties, the family, school, society as well as the State.

KEYWORDS: Contageo, Storytelling, Inclusive resource.

1 | INTRODUÇÃO

A arte de contar histórias é uma prática milenar muito utilizada em sala de aula no processo de alfabetização e letramento. Além de valorizar a oralidade também desperta e estimula a imaginação do público infantil. Atualmente, também tem sido incorporada dentro dos espaços escolares como instrumento proporcionador da inclusão.

A prática de narrar histórias é uma das tantas formas empregadas pelo professor em seu trabalho com a leitura em sala de aula. É muito comum essa prática na Educação Infantil, onde os alunos ainda não dominam a tecnologia da escrita, apenas são capazes de ler a linguagem oral, imagens, gestos e o que está em seu entorno (RAMOS, 2011, p. 21).

Contar histórias é oferecer possibilidades para que o cego, o surdo, assim como as demais pessoas com deficiências possam se sentir sujeitos atuantes e capazes de realizar qualquer atividade de cunho educativo e social.

Tratar da inclusão a partir da leitura e contação tem sido um desafio, pois é preciso que sejam desenvolvidos recursos táteis, imagéticos e sensoriais para que de fato a criança possa compreender o que, e do que se fala. Como uma criança com cegueira congênita pode participar de uma contação se ela não tem conhecimento dos personagens, das cores e dos objetos?

Para que seja agregado sentido a essa prática, primeiro temos que compreender que os deficientes visuais irão criar uma representação simbólica diferente da nossa. Para auxiliar nesse processo de reconhecimento e possibilitar a compreensão da história se faz necessário ensiná-los o que é e como é cada objeto.

Sendo assim, a audiodescrição que corresponde à situação citada anteriormente exerce a função de recurso inclusivo, uma vez que possibilita a descrição detalhada das situações e permite que os ouvintes e deficientes visuais idealizem e imaginem do que se trata.

A tradução visual, aqui na forma de áudio-descrição, pode ser considerada tecnologia assistiva, visto que consiste em uma atividade que proporciona uma nova experiência com as imagens, em lugar da experiência visual perdida (no caso de pessoas cegas adventícias), e consiste em tecnologia assistiva, porque permite acesso aos eventos imagéticos, em que a experiência visual jamais foi

experimentada (no caso das pessoas cegas congênitas totais). Em ambos os casos, porém, é recurso inclusivo, à medida que permite participação social das pessoas com deficiência, com igualdade de oportunidade e condições com seus pares videntes (LIMA, 2011, p. 09).

Outro meio desenvolvido é a utilização de histórias com personagens deficientes visuais, deficientes físicos e intelectuais a fim de familiarizar os ouvintes com o que vai ser contado. Essa prática foi desenvolvida na Universidade Regional do Cariri-URCA em parceria com o Geopark Araripe, através do projeto Contageo: Uma aventura às cegas, idealizado pela Professora Mestre Martha Milene Fontenelle.

Para o embasamento teórico pautamo-nos nas reflexões de autores, os quais realizam discussões em torno da contação de história no processo inclusivo, bem como a importância da leitura e literatura para os deficientes visuais, a saber: Preto (2009) Souza e Bernardino (2011), Ramos (2011) e Sousa e Sousa (2016).

Esta pesquisa tem como objetivo relatar a experiência na atuação como bolsista de extensão no projeto Contageo: Uma aventura às cegas. O desenvolvimento do projeto visa realizar a contação de história como recurso inclusivo para o público infantil e infanto-juvenil. Ele surgiu da necessidade de expandir a ação inclusiva através da literatura, e, portanto, efetivar a sensibilização das pessoas para com os deficientes visuais e pessoas com baixa visão.

1.1 A importância da contação de história no processo de inclusão de pessoas com deficiência visual

A contação de histórias para o público infantil vem sendo muito presente nas escolas e está se tornando uma estratégia para estimular a leitura nos discentes. Essa prática tem sido desenvolvida e adaptada às mais diversas necessidades dos educandos, como a da cegueira.

Trabalhar a leitura e conseqüentemente a literatura para o público de deficientes visuais requer algumas atitudes diferenciadas. Ao realizar a contação de história, o docente terá que desenvolver alguns métodos para que seja despertada a imaginação e a compreensão do aluno. Conforme Preto (2009, p. 20) “Com o aluno cego, o professor deve pensar em recursos pedagógicos adaptados para que a criança consiga manipular os objetos de forma autônoma”. Essa autonomia gera autoconfiança e a posteriori o prazer pela atividade.

A pesquisa e a busca por métodos de trabalho apropriados são constantes, já que a percepção das crianças cegas se dá de outra forma. Algumas das técnicas trabalhadas para atender esse objetivo de instigar a leitura e a curiosidade são consoante Preto (2009) a leitura tátil, auditiva e olfativa, a partir de um livro com recursos de cheiro ou odor. Visto que o aluno cego busca compensar suas dificuldades visuais se apropriando dos demais sentidos, assim como também se utilizando da linguagem oral.

A prática de contar histórias possibilita uma infinidade de possibilidades interpretativas e compreensivas por parte dos alunos com a deficiência, e isso a torna um instrumento de qualidade a ser trabalhado nas escolas. A leitura por si só já promove o despertar da imaginação, no entanto associado à contação tátil e sonora permite a representação do mundo.

A criança com deficiência visual precisa explorar suas possibilidades através da liberdade para manusear, tocar e receber conceitos concretos e abstratos do mundo que o cerca para que possa usar este conhecimento na escola e outros ambientes. E desenvolver atividades artísticas que envolvam dinâmica corporal, dança, teatro com e sem nenhuma adequação em síntese os alunos podem e devem ser inseridos em quase todas as atividades da escola (SOUSA; SOUSA, 2016, p. 47).

Os benefícios gerados pelo ato de contar histórias transcende o âmbito escolar. Além de contribuir no processo de ensino e aprendizagem da criança a contação favorece o emocional, o lado psicológico e social.

Sendo assim, o conto de histórias favorece o psíquico e emocional da criança, que enquanto cresce busca sua identidade baseada nos modelos que convive. A escola tem uma grande responsabilidade nesse processo, o sistema educativo deve ajudar quem cresce em determinada cultura a se identificar, a partir das narrativas é possível construir uma identidade e de encontrar-se dentro da própria cultura, a escola deveria promover e divulgar contos orais e escritos que mostrem à realidade pluricultural brasileira resgatando história da tradição afro-indígena, favorecendo deste modo a construção da identidade infantil (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 241).

O auxílio no processo de construção identitária da criança fornecido pela contação é de fundamental importância para o seu comprometimento enquanto atividade pedagógica. Mas, não é suficiente caso toda a gestão escolar não se integre.

Em relação à leitura, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil postula que:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence (BRASIL, 1998, p. 143).

Criar projetos capazes de estimular o desenvolvimento integral do deficiente visual é de grande relevância. Portanto, faz-se necessário a análise das carências educacionais desses alunos para promover uma efetiva ação transformadora. A exemplo desses trabalhos tem-se o Contageo anteriormente citado, assim como o trabalho de adaptação de livros infantis.

Ramos (2011) postula que há infinitas possibilidades de trabalho a serem desenvolvidos no campo da literatura. Todavia ressalta que essa agregação da contação

com a literatura não deve funcionar enquanto atividade mecânica e cansativa, mas sim proporcionadora de prazer. Logo, realizar adaptação dos livros infantis a serem usados na contação é um bom método.

A proposta é criar ou mesmo adaptar recursos para promoverem acessibilidade às pessoas com deficiência. Segundo o Art. 208 da Constituição Federal (1988) um dos requisitos para o ensino é a promoção do acesso e permanência nas redes de ensino, sendo assim, se faz de extrema relevância desenvolver métodos capazes de suprir as necessidades do público com deficiência visual e lhe garantir um ensino de qualidade.

2 | METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa cujo procedimento metodológico consistiu num relato de experiência, desenvolvido através de uma análise das práticas inclusivas destinadas aos deficientes visuais no campo da literatura infantil pelo projeto: Contageo: Uma aventura às cegas.

O processo de adaptação e criação de meios inclusivos na contação de histórias aconteceu em cinco etapas: A primeira etapa consistiu na criação de histórias com personagens deficientes realizada pela professora Martha Milene; a segunda, aconteceu através da busca de um público-alvo para realizar essa intervenção inclusiva e literária; a terceira etapa consistiu nas leituras e reflexões da história selecionada; o quarto momento, por sua vez, tratou-se da idealização de fantoches para a contação e o quinto tratou-se das práticas de contação.

Utilizamos como recursos o tatame, estrutura de madeira para apresentações e o fantoche idealizado, assim como a própria história criada.

O projeto vem sendo desenvolvido em parceria com o Geopark Araripe. Em função das novas parcerias o projeto “Contageo” tem-se realizado no “Projeto Acolhimento”, sediado na quadra da Universidade Regional do Cariri-Urca e uma vez por mês é realizada uma contação de cunho inclusivo neste espaço para os alunos atendidos pelo projeto.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Universidade Regional do Cariri (URCA), bem como o Geopark Araripe estão cada vez mais oferecendo oportunidades para as problemáticas de cunho inclusivo através dos seus projetos. Ambos oferecem uma possibilidade de acessibilidade, além de permitir que outras pessoas possam se tornar mais sensibilizados a essas causas.

O Geopark Araripe consoante Araújo, Magalhães e Galvão (2015) é um território de áreas limitadas, constituído de riquezas geológicas, ambientais, arqueológicas, culturais entre outros, as quais constroem um patrimônio científico respeitável

mundialmente. Esse conceito vem sendo modificado e hoje o Geopark é visto como um território vivo, constituído em companhia do homem. Logo é imprescindível desenvolver meios que possibilite a todos conhecer suas riquezas, e um desses é dar apoio a essas práticas educativas e inclusivas.

O projeto Contageo à medida que surgiu no ano de 2017, ainda quando a professora Martha Milene assumia o cargo de coordenadora do setor de Educação no Geopark Araripe, visa promover através das histórias o conhecimento do processo de fossilização, bem como os geossítios da região do Cariri.

A primeira etapa que corresponde à criação das histórias resultou na produção da literatura intitulada “Nata vai aos Geossítios”. A história, que tem uma proposta inclusiva, apresenta as aventuras de Nata, uma libélula que é deficiente visual e vivencia vários acontecimentos ao conhecer os geossítios, que estão compreendidos entre: Batateiras, Cachoeira de Missão Velha, Colina do Horto, Floresta Petrificada, Parque dos Pterossaros, Pedra Cariri, Pontal da Santa Cruz, Ponte de Pedra e Riacho do Meio.

A história, de autoria da professora Martha Milene Fontenelle Carvalho tem como personagem principal a libélula, Odonata, a qual tem cegueira e um espírito muito aventureiro. Essa sua qualidade busca promover uma reflexão a cerca das múltiplas oportunidades que o deficiente visual pode ter, independente da sua condição. Consoante Souza e Bernardino,

Ler, ouvir/contar histórias desperta o pensamento narrativo. Uma forma de pensar coexistente com o pensamento lógico científico, vinculado à subjetividade e ao emotivo, surge em situações onde o sujeito busca compreender através de simbolismos a realidade (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 241).

A partir dessa prática é possível dar estímulos e incentivar a luta pelos direitos e desejos de cada um.

Posteriormente a criação da história, foi pesquisado o público-alvo do projeto. Como não encontramos alunos com deficiência visual participando do projeto “Acolhimento”, decidimos então realizar a contação para crianças sem deficiência.

Percebemos no processo, que havia crianças de várias idades e, portanto seria preciso desenvolver um método para que todos pudessem se envolver. Surgiu então a ideia de usar os fantoches. Na oportunidade criamos fantoches, que foram utilizados para narrar à história.



Figura 1: Recursos utilizados para a contação

Fonte: Douglas Teles



Figura 2: Autora testando o fantoche

Fonte: Douglas Teles

Após essa penúltima etapa, realizamos a contação da história da libélula. As crianças demonstraram bastante interesse no fantoche. Para este momento usamos um tatame e uma estrutura de madeira disponibilizada pelo Geopark para fazermos a contação. Devido à diferenciação das idades uns prestaram bem mais atenção que outros, no entanto foi possível ofertar uma atividade diferenciada. Um dos aspectos utilizados para dinamizar o momento e não haver desorganização ou inquietação foi promover um diálogo através do fantoche com as crianças.

Conforme Souza e Bernardino,

A comunicação por meio da narração de histórias fala as crianças mais profundamente do que a linguagem literal, a linguagem do pensamento; dramatizar com bonecos ou fantoches, representando aquilo que se quer dizer através do desenho ou pintura é fazer uso da linguagem imaginativa, essa é naturalmente a linguagem infantil (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 242).

Com esse recurso didático utilizado podemos criar um ambiente infantil, assim como um ambiente para indagações e conversas. Fazendo com que pudesse haver uma interação contínua dos ouvintes com o fantoche. Um dos pontos interessantes observados foi a repetição das palavras ditas pela contadora (fantoche) reeditas pelas crianças, como se elas também estivessem contando.

Após essa ação foi possível refletir sobre o impacto causado nas crianças ao contarmos uma história. Também nos direcionou quanto a melhorias que deverão ser tomadas para que o objetivo do projeto prevaleça. Ou seja, contar, incluir e ensinar, sobretudo o respeito para com o outro.

Com isso, intervimos ativamente na sensibilidade das crianças a causas correspondentes a deficiência, bem como do meio ambiente.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com o público infantil e infanto-juvenil possibilitado pelo projeto Contageo: uma aventura às cegas, nos abriu muitos horizontes. Um deles é a pesquisa constante de meios e recursos a serem utilizados para promover acesso e permanência na escola. A proposta deste trabalho era analisar e descrever as atitudes tomadas para o trabalho com a literatura adaptada usada para contação. Frente a esse propósito conciliamos teoria à prática, bem como a imaginação.

Pensar em acessibilidade é pensar em oportunizar a outros um futuro digno e acessível, que já é garantido por lei, porém, é fundamental um conjunto de ações para que de fato se efetive. Uma delas é a preparação do profissional para lidar com as deficiências e com o processo de ensino e aprendizagem desses alunos, uma outra é constantemente pesquisar melhorias práticas e acessíveis.

Portanto, a tarefa de educar e incluir é extremamente complexa e exige esforço de todas as partes, da família, escola, sociedade e Estado. Cada um exercendo suas funções e auxiliando uns aos outros é possível tornar os deficientes visuais capacitados para progredirem no campo escolar e profissional.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, O. H. A.; MAGALHÃES, C. J. S.; GALVÃO, M. N. C. **EDUCAÇÃO: possibilidades e perspectivas no Geopark Araripe**. In: Osmar Hélio Alves Araújo; Célia de Jesus Silva Magalhães, Maria Neuma Clemente Galvão. (Org.). **Do contexto literário à reflexão sobre a educação na contemporaneidade: educação em mosaico**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2017, v. 1, p. 93-103.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC912016.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 27 de mar de 2018.

LIMA, F. J. **Introdução aos estudos do roteiro para áudio-descrição: sugestões para a construção de um script anotado**. Revista Brasileira de Tradução Visual, v. 7, n. 7, 2011. Disponível em: <<http://www.associadosdainclusao.com.br/enades2016/sites/all/themes/berry/documentos/08-introducao-ao-estudo-do-roteiro.pdf>>. Acesso em: 10 de Junho de 2018.

PRETO, V. O. **Adaptação de livros de literatura infantil para alunos com deficiência visual**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade Estadual Paulista, Marília.

RAMOS, A. C. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SOUSA, A. C. L.; SOUSA, I. S. A inclusão de alunos com deficiência visual no âmbito escolar. In: **Estação Científica (UNIFAP)**. Macapá, volume 6, Nº 3, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/estacao/article/view/2310>>. Acesso em: 02 de Junho de 2018.

SOUZA, L. O.; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educere et Educare**. Cascavel. Vol. 6, n. 12, jul./dez. 2011, p. 235-249.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Glaucia Wesselovicz - Bacharel em Administração (UNIÃO), Especialista em Logística Empresarial (SANTANA) e Especialista em Gestão de Projetos (POSITIVO), Conselheira do COMAD – Conselho Municipal de Políticas Públicas sobre Drogas, Representante do PROPCD – Programa de Inclusão da Pessoas com Deficiência, Representante no Grupo de Gestores do Meio Ambiente dos Campos Gerais, Articuladora de Projetos Estratégicos do SESI para o Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, Junior Achievement, ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável atuando a 6 anos com ações de desenvolvimento local.

Janaina Cazini - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema FIEP, Conselheira do CPCE – Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-364-4

